

FILMES COMO RECURSO EDUCACIONAL PARA PERCEPÇÃO DO SENTIDO DE VIDA: UMA ANÁLISE LOGOTERAPEUTICA DE “A FELICIDADE NÃO SE COMPRA”

MOVIES AS AN EDUCATIONAL RESOURCE FOR PERCEPTION OF MEANING OF LIFE: A LOGOTHERAPEUTIC ANALYSIS OF “IT’S WONDERFUL LIFE”

David Moises Barreto Santos

Carlos Alberto dos Santos da Silva

Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo. Uma forma de prevenção da frustração existencial, a neurose de nossa época, pode ocorrer através da educação na medida em que esta inclua questões reflexivas sobre o sentido de vida e dos valores. Uma possibilidade de recurso para auxiliar nesta tarefa é a utilização de filmes. Deste modo, o objetivo deste artigo é discutir a importância do uso de filmes para potencializar a percepção do sentido de vida tendo como referência a análise do filme “A felicidade não se compra”. Para tanto, a partir da experiência do uso de tal recurso em uma disciplina no âmbito universitário, chegamos a duas conclusões: (1) é possível extrair e refletir categorias conceituais da Logoterapia e Análise Existencial a partir do filme, especialmente, do sentido de vida e valores; e (2) a estratégia de usar filmes demonstra de fato ser bastante didática uma vez que além de permitir uma atividade mais prazerosa, também contribui significativamente para a reflexão de conceitos a partir da recuperação de cenas.

Palavras-chave: logoeeducação; filme; em busca de sentido; Viktor Frankl.

Abstract. One way to prevent existential void can occur through education whether this includes reflective questions about the meaning of life and the values. Movies can be a learning resource in order to help in this task. Thus, our aim is to discuss the importance of movies for enhancing the perception of the meaning of life, having as reference the “It’s wonderful life” movie. Therefore, from the experience of using it in a classroom, we came to two conclusions: (1) that it is possible to extract and reflect concepts of Logotherapy and Existential Analysis, especially the meaning of life and the values; and (2) that the strategy of using movies demonstrates, in fact, be quite didactic, because it may be a pleasurable activity and contributes significantly to the reflection of concepts based on scenes from movie.

Keywords: logoeeducation; movie; man’s search for meaning; Viktor Frankl.

INTRODUÇÃO

Viktor Frankl diagnosticou como neurose de nossa época a frustração existencial, que, particularmente, demonstra estar bastante presente entre os jovens (Frankl, 2007, 2008; Dourado et al, 2010). “É compreensível que especialmente a geração jovem padece mais da sensação de falta de sentido, o que é corroborado pelos resultados de pesquisa empíricos” (Frankl, 2007, p. 101). Na sociedade, de uma forma geral, esta contínua sensação de falta de sentido é marcada por uma tríade sintomática composta por: depressão, agressividade e dependência de drogas (Frankl, 2008).

Uma forma de prevenção pode ocorrer através da educação na medida em que esta inclua questões reflexivas sobre o sentido de vida e dos valores, tão inerentes ao ser humano (Aquino, 2012). Para auxiliar nesta tarefa, podem ser usados e mesclados diferentes recursos de ensino-aprendizagem como fábulas, parábolas, dilemas, livros e poemas (Pintos, 1999; Dourado et al, 2010; Aquino, Silva, Figueiredo, Dourado & Farias, 2011; Aquino, 2012). Um outro recurso em potencial que pode ser apontado ainda é o filme, mas tem sido pouco explorado na literatura. Podemos citar a iniciativa da Associação e Sociedade Peruanas de Análise Existencial e Logoterapia (APAEL/SPAEL), denominada cinelogoterapia (<http://www.logoterapia.pe/cine/>), a qual tem como objetivo “desenvolver uma linha de especialização, pesquisa, aplicação e divulgação de conceitos, metodologias, técnicas e materiais para combinar fundamentos, conceitos e técnicas logoterapêuticas, psicológicos e filosófica, as metodologias de grupos e as

tecnologias de informação e comunicação (TIC) com o cinema” (Portocarrero, 2012, p. 8). Porém, a análise dos filmes em si, embora conte com um acervo de 200 películas aproximadamente, as experiências de suas aplicações não têm sido amplamente difundidas em meios científicos senão em cursos, seminários, workshops e atividades afins. E mesmo que houvesse publicações abundantes, ainda assim, não esgotaria a lacuna de pesquisa dada a riqueza e criatividade multifacetada de analisar uma obra cinematográfica.

Dado esse contexto, o objetivo deste artigo é justamente discutir a importância do uso de filmes para potencializar a percepção do sentido de vida em educandos tendo como referência a análise do filme “A felicidade não se compra”. Para tanto, partimos do relato de experiência do uso de tal recurso em uma disciplina de um curso de Engenharia de Computação.

A relevância deste trabalho está em explorar um recurso ao mesmo tempo lúdico e popular, já inserido no cotidiano discente. Desta forma, pode favorecer mais facilmente a apreensão e reflexão de temas relacionados ao sentido de vida do ponto de vista frankliano.

Este artigo está organizado em mais quatro seções. Enquanto a metodologia está exposta na Seção 2, a importância de filmes na educação é discutida na Seção 3. Em seguida, tratamos da análise do filme supracitado na Seção 4. Finalmente, na Seção 5, resumimos as conclusões do trabalho.

MÉTODO

O filme foi usado em um componente curricular denominado *TFH* (omitido para fins de revisão cega), ofertado a calouros do curso de Engenharia de Computação da Universidade *X* (omitido para fins de revisão cega). A turma era composta de 41 sujeitos, sendo 90% homens e 10% mulheres.

O objetivo deste componente é estimular os educandos a compreenderem problemas filosóficos, legais, sócio-econômicos e culturais, desenvolvendo atitudes de compromisso com a ética profissional e responsabilidade social e política. Dentre os objetivos específicos está um que se enquadra na perspectiva logoterapêutica: refletir sobre questões existenciais e exercitar o autoconhecimento, buscando compreender a si mesmo e sobre o sentido da vida. Vale dizer que, embora este componente seja ofertado já há alguns semestres, é a primeira vez que contempla tal temática.

Nesta perspectiva, primeiramente, duas atividades foram desenvolvidas: (1) a leitura reflexiva do livro “em busca de sentido” (Frankl, 2008) em caráter extraclasse, mas que, depois, foi discutido em classe. Aqui só foi considerada a primeira parte do livro, não contemplando, portanto, as partes que tratam dos conceitos fundamentais da logoterapia e da tese do otimismo trágico; e (2) a discussão de temas como liberdade e responsabilidade, vontade de sentido e projeto de vida, entre outros, baseada na metodologia proposta por Dourado e demais autores (2010) e Aquino e colegas (2011). Neste ínterim, ainda foi projetado o filme “O primeiro

da classe” e debatido brevemente em sala de aula.

Um das atividades finais desta etapa da disciplina consistiu em analisar um outro filme, “A felicidade não se compra” — foco deste trabalho — com as idéias do livro lido. A taxa de resposta foi de 85%, ou seja, 35 educandos realizaram a tarefa. A análise feita neste trabalho tem uma forte contribuição de um educando desta turma, coautor do presente artigo.

Para que fosse possível aprofundar e concluir tal análise neste trabalho, nos baseamos na proposta de Pereira e Prette (2007): (1) rever o filme, identificando e registrando as principais cenas com as diferentes situações e personagens; (2) selecionar dentre as cenas registradas, aquelas mais relacionadas com idéias presentes no livro “Em busca de sentido”; (3) identificar e apontar associações entre o livro e o filme.

FILMES COMO RECURSO EDUCACIONAL

A leitura do livro de Frankl pelos educandos foi uma tarefa valiosa, pois permite uma experiência com as palavras, com os argumentos das idéias, se envolver com outro mundo através da narrativa envolvente e ao mesmo tempo dramática vivenciada “na carne” pelo autor. Já o filme, além de ser um elemento do lazer do cotidiano discente, possibilita entre outras coisas: dar caras e cores a uma história e/ou idéias; experienciar outras percepções como ver e ouvir e — geralmente de uma forma diferente da que estamos habituados —; se identificar e/ou se posicionar com personagens, falas, situações e idéias; adentrar e compreender vivências de uma forma mais concreta sejam elas

da própria cultura ou de outra — de agora, de outrora ou simplesmente imaginada — de quem assiste.

São histórias que nos interpelam de um modo avassalador porque não dispensam o prazer, o sonho e a imaginação. Elas mexem com nosso inconsciente, embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção. (...) Nessas histórias, mergulhamos e vivemos como se nosso corpo estivesse lá, incorporado àquelas personagens que experienciam na tela as mais fantásticas aventuras, dolorosos dramas, eletrizantes musicais, alegres peças de humor, envolventes melodramas, aterrorizantes suspenses e tramas de terror. Elas nos interpelam para que assumamos nosso lugar na tela, para que nos identifiquemos com algumas posições e dispenseemos outras. Naquele momento, ocorre uma simbiose entre o corpo do espectador e a história vivida na tela; o tempo e o espaço tornam-se os mesmos representados na película. (Fabris, 2008, p. 118).

Morin (2000) ainda destaca que o cinema é uma oportunidade de abertura em relação ao outro, ao que é diferente de si. Abertura esta que não necessariamente significa uma concordância com o que o outro pensa ou age, mas no sentido da aproximação, da simpatia, da compreensão.

O cinema, ao favorecer o pleno uso de nossa subjetividade pela projeção e identificação, faz-nos simpatizar e compreender os que nos seriam estranhos ou antipáticos em tempos normais. Aquele que sente repugnância pelo vagabundo encontrado na rua simpatiza de todo coração, no cinema, com o vagabundo Carlitos. Enquanto na vida cotidiana ficamos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos compaixão e comiseração na leitura de um romance ou na projeção de um filme. (Morin, 2000, p. 101).

No contexto educativo, tais características podem ser aproveitadas, direcionadas, discutidas de forma que os tópicos abordados estejam articulados com fundamentos, conceitos e atitudes do assunto em foco. O cinema tem a vantagem de fazer com que determinadas imagens, situações, personagens, frases incitem uma inquietude, um pensar até mesmo contínuo que pode ir além do espaço convencional de educação, a sala de aula. Estimulado por estes “denotadores de reflexão”, os educandos então expõem idéias contextualizadas com cenas do filme e/ou complementam seu ponto de vista com histórias reais — e às vezes até pessoais (Blasco, Gallian, Roncoletta & Moreto, 2005).

As frases de impacto, trechos de diálogos, situações contempladas nos filmes convertem-se em linguagem para se comunicar e também para se dar a conhecer. O cinema empresta ao aluno sua força comunicativa e através dele consegue exprimir realidades que com palavras não conseguiria tornar transparentes. A cultura discursiva e lógica, com a qual o aluno tem pouca familiaridade, é substituída pela cultura da imagem e da emoção, não apenas para conhecer, mas para se exprimir e mostrar sua realidade vital como pessoa (Blasco et al, 2005, p. 125).

Não por acaso filmes tem sido utilizado em diversas áreas dos saberes como Medicina (Blasco, 2005), Educação Física (Pinto & Pereira, 2005), Administração (Rezende & Araújo, 2012) e Meio Ambiente (Machado, 2008), entre outros. Podemos dizer ainda que no próprio componente de Tópicos de Formação Humanística, em edições anteriores, também já foi utilizado — mas lembrando que sem abordar temas relacionados a Logoterapia e Análise Existencial uma vez que estes não

havia sido abordados anteriormente. Neste caso, em especial, percebeu-se a aderência por parte dos educandos a este recurso pedagógico desde a primeira oferta do componente, quando observou-se “que o interesse pela disciplina, pela maior parte da turma, começou a ocorrer quando trabalhamos com o filme ‘O clube do imperador’, que foi adotado com o intuito de potencialização da socialização e da reflexão sobre as questões relacionadas à ética” (Referência omitida para fins de revisão cega). Desta forma, fica evidente o potencial que o cinema tem de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

ANÁLISE DO FILME “A FELICIDADE NÃO SE COMPRA”

Nesta seção descreveremos aspectos técnicos do filme juntamente com um resumo sobre o mesmo na subseção 4.1 para, em seguida, tratarmos efetivamente da análise do filme “A felicidade não se compra” a partir de idéias da narrativa do livro “Em busca de sentido” e de fundamentos da logoterapia e análise existencial.

Ficha técnica

“A felicidade não se compra”, cujo título original é “*It’s a Wonderful Life*”, é um clássico natalino lançado no ano de 1946. Produzido pelo cinema americano, ele tem a direção de Frank Capra.

O filme narra a história de George Bailey (James Stewart), um jovem que abriu mão de seus sonhos para cuidar da cooperativa do seu pai, na pequena cidade de Bedford Falls. Entretanto, a ganância do homem mais poderoso da cidade e uma série de outros

acontecimentos desmotivaram Bailey, que se vê em meio ao fracasso em plena véspera de Natal. Desorientado, o rapaz vai para o alto de uma ponte para suicidar-se, mas seu anjo da guarda tenta convencê-lo a desistir desta idéia. Para isso, ele faz com que George veja como seria muito diferente a vida das pessoas com as quais ele convive caso ele não existisse, isto é, caso não tivesse nascido. Assim, ele vê o quão importante ele era para os habitantes daquela cidadezinha.

Relações entre filme e idéias do livro

Podemos iniciar esta seção já colocando algumas semelhanças entre o filme e o livro quanto ao contexto histórico em que foram lançados, no pós-guerra:

Este foi o primeiro filme do diretor [Frank Capra] depois de um longo período em que trabalhou na guerra, documentando o conflito. O que viu e o que passou certamente marcaram sua vida. Mas isso não o fez perder a confiança na humanidade, e Capra voltou com esta fábula com uma mensagem para todo mundo entender. Pela primeira vez, Capra parte para uma abertura espiritual [religiosa], com a presença no filme de um anjo (Ewald Filho, s/d).

Além disso, o filme “A felicidade não se compra” e o livro “Em busca de sentido” foram lançados em 1946, mas não carregam apenas esses aspectos em comum. Diversas ideias e vivências retratadas por Viktor Frankl aparecem, mesmo que camufladas, neste filme natalino.

O protagonista, George Bailey, deixa claro o grande sonho de sua vida desde o início: “Vou sacudir a poeira dos meus pés e conhecer o mundo. Itália, Grécia, o Partenon, o Coliseu. Depois, vou para a universidade. Vou construir

coisas. Vou construir aeroportos, arranha-céus de 100 andares. Construirei pontes de 2 km”. Não pensa em outra coisa senão isso. Na tentativa do pai de persuadi-lo a continuar na cidade, ajudando na cooperativa da família, ele reage:

Não suportaria ficar enfiado pelo resto da minha vida em um escritorzinho e... Me desculpa pai, não disse isso por mal, mas esse negócio de contar tostões e passar a vida toda tentando descobrir como economizar 3 centavos na compra de um cano. Eu ficaria louco. Quero fazer algo grande, algo importante. (...) Sinto que se não sair daqui, vou explodir.

O sentido de George estava depositado neste sonho sobretudo na forma de um *valor de criação* através do trabalho na área de Engenharia Civil. Diga-se de passagem que Frankl também visava a realização de tal valor, quando demonstra o interesse de levar em frente sua teoria expressada através de escritos que tinha consigo ao chegar no campo de concentração: “tenho comigo um manuscrito científico a ser publicado (...) eu não posso largar isto, eu tenho essa mania de grandeza e quero mais. Quero ficar com este manuscrito, preservá-lo de alguma forma — ele contém a obra da minha vida” (Frankl, 2008, p. 28). Porém, ambos se deparam com condicionantes bem distintos: Frankl com o campo de concentração e George com a morte do pai, vitimado por um derrame, ainda na noite da conversa que teve com ele.

Três meses depois, buscando destruir o negócio dos Bailey, o Sr. Potter, o homem mais rico e sovina da cidade, perante a diretoria, propõe que a cooperativa seja fechada e critica a antiga administração do pai de George, moção

imediatamente repudiada por este, já prestes a partir, em minutos, para a realização de seu sonho. Contagiados pela fala inflamada e assertiva de George, a diretoria da empresa então resolve, por votação, pela permanência da organização, mas com uma única condição: que ele assumira o lugar do pai; caso contrário, a proposta de Potter é eleita.

Neste ponto podemos lembrar de uma citação de Frankl: “jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós” (Frankl, 2008, p. 101). A vida interroga a George e o interpela a dar uma resposta concreta, ou assume a cooperativa ou pega o trem para cursar a universidade. Ele era livre para escolher por umas das duas opções e acabou decidindo responsabilmente pela primeira, pois sabia da importância da cooperativa para a cidade, como havia colocado: “[meu pai] não teve dinheiro para pagar nossos estudos, mas ajudou muita gente a sair do seu cortiço. Isso é errado? (...) É pedir demais que eles [os habitantes da cidade] vivam e morram em uma casa decente?”. Frankl ressalta essa importância da *responsabilidade*: “em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento” (Frankl, 2008, p. 102).

Já no campo de concentração, Frankl, em situação bastante diferente e delicada, a decisão cabe única e exclusivamente sendo pela vida! E uma vida com sentido, pois, para ele, “uma vida cujo sentido depende exclusivamente de se escapar com ela ou não e, portanto, das

boas graças de semelhante acaso — uma vida dessas nem valeria a pena ser vivida” (Frankl, 2008, p. 90).

George passa o dinheiro dos seus estudos para Harry, seu irmão mais novo, ir para a universidade e o espera voltar para poder então finalmente sair de Bedford Falls. Todavia, ele volta casado e com uma proposta de trabalho de seu sogro, o que faz, mais uma vez, George adiar seus planos. Na verdade, ao longo de todo o filme, ele se dedica fervorosamente a ajudar as pessoas construírem suas casas próprias a fim de deixar de serem exploradas por Potter através de aluguel. Mais uma vez, sua consciência o guia para uma decisão responsável, totalmente atrelada à ajuda ao próximo. Identificamos aqui a *autotranscendência*, George não fica em si mesmo, mas vai ao encontro do Outro, encontra um sentido ao promover a dignidade humana através do auxílio para construção de moradias. Em dado momento no campo, Frankl também decide por se dedicar a cuidar de seus colegas prisioneiros acometidos por tifo exantemático, pois já que a proximidade da morte no campo era algo tão próximo, queria que mesmo os últimos momentos de sua vida tivesse sentido, que fosse uma morte carregada de sentido.

George enamora-se por Mary, que conhecia desde criança e havia acabado de voltar para a cidade após se formar na universidade. Acaba casando com ela após algum tempo. Temos outro *valor vivencial* através do amor dedicado a ela e, mais tarde, a seus quatro filhos. Frankl também ama sua esposa e, mesmo apartado dela, experimenta sua presença através da “contemplação amorosa da imagem espiritual que (...) [cada um] porta dentro de si” (Frankl, 2008, p. 55-56).

Todavia, a caminho da lua de mel, ainda na cidade, percebe uma confusão na cooperativa. Resolve parar e descobre uma dívida que assusta os investidores lá presentes, que cobram uma medida adequada. Diante da ameaça de Potter assumir a dívida por um preço bem inferior, Mary toma a iniciativa de doar toda a economia que haviam feito para a lua de mel a fim de resolver a situação momentaneamente. Sendo assim, eles ficaram sem lugar para passar a noite de núpcias, que, para piorar, estava chuvosa. Contudo, Mary prepara — de maneira superficial — uma casa abandonada e faz uma surpresa a George. Ele fica encantado, mesmo tendo dito tempos atrás que não “mão moraria lá nem como fantasma”. Desta vez, percebemos aqui outro pilar da teoria frankliana: a *liberdade da vontade*. Perante a expectativa frustrada da viagem de lua de mel, tão sonhada por qualquer casal, muda-se a postura de enfrentá-la. A situação não mudou — primeiramente, a falta de lugar para a lua de mel e, em segundo, o lugar encontrado é uma casa abandonada e destruída —, mas eles conseguem ressignificá-la, se dedicando ao amor que sentem mutuamente. Mesmo que não haja liberdade exterior, “a liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe até o último suspiro configurar a sua vida de modo que tenha sentido” (Frankl, 2008, p. 90).

Embora as investidas de Potter sejam constantes, a firma consegue prosseguir. George e sua família continuam morando no antigo casarão, levando uma vida humilde e alegre. Todavia, em uma véspera de Natal, o tio de George acaba se distraíndo e perdendo o dinheiro referente à quitação de uma dívida da firma. O calote pode significar “falência, escândalo e prisão”. George fica desesperado.

Agride o tio e, depois, ao chegar em casa, se comporta grosseiramente com sua esposa e filhos. Sai então de casa e vai pedir ajudar a Potter que o humilha:

Olha só pra você. Você costumava ser tão arrogante. Você ia sair e conquistar o mundo. Você certa vez me chamou de um velho frustrado e mesquinho. O que é você além de um jovem frustrado e mesquinho? Um empregadinho se arrastando aqui de joelhos e implorando ajuda. Sem garantia, sem ações, sem títulos. Nada além de uma mera apólice de vida de 500 dólares. Você vale mais morto do que vivo. Por que não procura a ralé que tanto adora e pede a eles 8 mil dólares? Sabe por quê? Por que eles o expulsariam da cidade na mesma hora (...) Sabe o que irei fazer por você George? (...) Vou pedir um mandado para a sua prisão!

George fica ainda mais desnorreado e se dirige a um bar. Se vê sem saída e deposita toda sua esperança no dinheiro: “O dinheiro é muito útil aqui na Terra. Descobri isso tarde demais. Eu valho mais morto do que vivo”. Mesmo que momentaneamente, é tomado pela *vontade de dinheiro*, tida, para Frankl (2011), como autoanulativa. Quanto mais se busca realizar o sentido através dele, mais se erra esse alvo. Desta forma, pode provocar um *vazio existencial*, “um sentimento de vacuidade e de falta de sentido” (Frankl, 2008, p. 165). O protagonista se viu na situação mais difícil de sua vida e não via outra opção para acabar com seus problemas, senão a morte através do suicídio. “Se não fosse por mim, todo mundo estaria muito melhor. Minha mulher, meus filhos e meus amigos. [...] Seria muito melhor se eu não tivesse nascido” (George Bailey). Como diz Frankl, “S = S – S” traduzido por “suicídio = sofrimento – sentido” (Frankl, 1977), isto é, suicídio é igual a sofrimento sem sentido. Neste ponto, encontramos uma

divergência entre a vivência de Frankl e Bailey, pois enquanto este decide pelo suicídio, aquele faz uma outra opção: “fiz a mim mesmo a promessa, uma mão apertando a outra, de não ‘ir para o fio’” (Frankl, 2008, p. 33). Porém, viu muitos de seus companheiros fazendo o contrário, pois já não conseguiam mais encontrar um sentido na vida.

Todavia, antes da tentativa de suicídio, o personagem principal fez uma oração a Deus: “eu não sou um homem de rezar, mas se tiver aí em cima e puder me ouvir, me mostre o caminho. As minhas forças estão no fim, me mostre o caminho Senhor”. Na perspectiva frankliana, a religião é um fenômeno humano como tanto outros, digno de ser acolhido e não o contrário, ser rejeitado. Frankl ainda vai além quando diz que existe um Deus inconsciente mesmo nas pessoas que não são religiosas — apenas estaria reprimido. A própria “voz” da consciência moral pode ser percebida como sobre-humana, como algo que não vem da pessoa, como algo transcendente, maior do que ela. Então, o ser responde a essa voz, dando início a um relacionamento com o transcendente, “mesmo que não possa ser percebido de maneira consciente, ou seja, é uma ligação intencional com o transcendente ainda que vivida inconscientemente” (Coelho Junior & Mahfoud, 2001). O relato de “Em busca de sentido” está permeado da religiosidade dos prisioneiros, em especial, de orientação judaico-cristã.

No filme, a oração feita acaba sendo responsável por trazer o seu anjo da guarda, Clarence, ao seu encontro. Este recebe a missão de mostrar a Bailey, como seria a vida dos seus amigos e familiares sem que ele existisse. Vê que

seu irmão teria falecido ainda criança já que não teria ele para salvá-lo de um afogamento, que sua esposa permaneceria solteira e seus filhos não existiram, que a população da cidade não teve outra opção senão permanecer subserviente a Potter, entre tantas outras coisas.

Você não entende George? Você nunca nasceu (...) Você não é ninguém. Não tem identidade (...) Não existe nenhum George Bailey. Você não tem documentos, identidade. Nem carteira de motorista, nem um certificado de reservista. Nem apólice de seguros. (...) Você recebeu um grande presente. Uma chance de ver como o mundo seria sem você. (Anjo Clarence).

Embora assuma a forma humana na tela, talvez a presença de Clarence, em termos logoterapêuticos, possa ser compreendida como o relacionamento com o transcendente que faz George refletir. Tal reflexão ainda nos remeter ao *autodistanciamento*, quando ele consegue se distanciar da situação sofrida que vive para pensar como seria a vida daqueles que ama — e das que o amam — sem a sua existência. É justamente a partir desse “choque” de realidade que o protagonista percebe a sua importância na vida de cada uma das pessoas com quem ele convivia, especialmente, sua família, fazendo-o repensar na ideia de tirar a própria vida para escapar dos seus problemas. “Estranho não é? A vida de cada homem toca tantas outras vidas. E quando ele não está presente, deixa um grande vazio.” (Anjo Clarence). Como advoga Frankl (2009), “cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida” (p. 133) e é justamente isso que George Bailey percebe a

respeito de si; nota que sua vida é singular e que não pode ser substituído. Encontra um sentido, uma tarefa concreta a ser realizada: ser presença na vida dos seus.

Clarence, Clarence! Me ajude Clarence! Eu quero voltar! E não me importa o que acontecer comigo, só me leve de volta para minha mulher e filhos! Me ajude Clarence! Por favor, eu quero viver de novo! Eu quero viver de novo! Eu quero viver de novo! Por favor. Por favor, Deus, me deixe viver de novo (George Bailey).

A cena final de “A felicidade não se compra” ainda ressalta um outro valor vivencial: a amizade. Isto porque, quando aquelas pessoas que ele sempre fez questão de ajudar, souberam que ele estava passando por dificuldades, retribuíram o favor com um gesto bem concreto:

“George, é maravilhoso! A Mary conseguiu! Ela contou à algumas pessoas que estava com problemas e elas se espalharam pela cidade coletando dinheiro. Elas não fizeram perguntas, apenas disseram ‘se o George está com problemas, contem comigo’. Você nunca viu nada assim, nunca viu, é maravilhoso George!” (Tio Billy Bailey).

O anjo Clarence ainda finaliza reiterando este valor da amizade na vida de um ser humano: “Querido George, lembre-se de que nenhum homem é um fracasso se tiver amigos”. A Tabela 1 mostra uma síntese de alguns dos principais conceitos de Logoterapia e a relação entre a vida George e Frankl, mesmo que em alguns momentos possam divergir, dentre outros aspectos, pela veracidade e intensidade do sofrimento deste último.

Tabela 1 Relação entre conceitos da Logoterapia e as vivências de George Bailey, protagonista do filme, e Viktor Frankl, em “Busca de sentido”

Conceitos	George Bailey	Viktor Frankl
Vontade de sentido a ser realizada pelo valor de criação	Se tonar um Engenheiro e fazer grandes construções.	Levar a frente a teoria criada por ele mesmo.
Responsabilidade	Decide manter aberta a cooperativa que ajuda as pessoas	Decide viver uma vida com sentido, mesmo no sofrimento
Autotranscendência	Deixa seu sonho de lado para realizar os sonhos de outros.	Se dedica a cuidar da saúde de seus colegas prisioneiros.
Valor vivencial – amor	George ama Mary.	Frankl ama Tilly.
Liberdade da vontade	Mesmo sofrendo com as ameaças de Potter, não se desanima. Como quando ficou sem dinheiro para lua de mel, não deixou de tornar esse momento encantador.	Mesmo sofrendo em mãos nazistas, ainda assim, não deixa de encontrar sentido na vida.
Vazio Existencial	No momento mais difícil de sua vida, pensa em se suicidar	No momento mais difícil de sua vida, insiste em buscar um sentido para ela
Deus inconsciente	Ora a Deus	Mostra a importância de Deus para as pessoas
Valor de atitude	Mesmo endividado, consegue encontrar sentido através do amor que dedica e recebe de sua família	Consegue transformar seu martírio em experimento para sua teoria, dentre outras coisas
Valor vivencial – amizade	Experimenta este valor pela ajuda financeira dos amigos em sua vida.	Narra inúmeras vezes a presença marcante de amigos no campo de concentração

CONCLUSÃO

O filme “A felicidade não se compra” carrega uma série de possibilidades de trabalhar conceitos fundantes da Logoterapia. A partir da leitura do livro “Em busca de sentido”, os educandos perceberam e discutiram diversas situações em comum, mesmo que não usassem um vocabulário técnico. Na avaliação discente que fizemos ao final da disciplina, o uso deste filme foi avaliado como ótimo por 56% dos educandos e como bom por 33% deles, sendo estes dois critérios valorativos eram os mais altos da escala de avaliação.

Neste trabalho, em especial, objetivamos justamente fazer uma análise do filme de uma forma mais contundente e articulada ao buscar relações tanto nos conceitos de Logoterapia e Análise Existencial quanto nas vivências experimentadas por Viktor Frankl no campo de concentração. De maneira bastante

breve, podemos afirmar que Bailey e Frankl se apegaram ao sentimento de que existe uma dimensão espiritual responsável por fazê-los acreditar que a vida é algo muito maior do que os obstáculos diários que enfrentavam. Ambos se dedicaram a ajudar os outros e viram o amor que sentiam por suas esposas um grande incentivo para continuar quebrando as barreiras impostas pela vida. Ambos viram na amizade, a forma mais sincera de criar laços verdadeiros com as pessoas com quem conviviam diariamente. E ambos conseguiram entender o real significado da vida, após passarem pelas mais difíceis situações que um dia enfrentaram. Deste modo, concluímos que filmes, como “A felicidade não se compra”, oferecem uma oportunidade lúdica e criativa de discutir conceitos da Logoterapia.

Este foi apenas uma primeira experiência na disciplina já referida anteriormente. Portanto, alguns aspectos ainda podem ser aperfeiçoados. Neste sentido, primeiramente, embora a análise textual tenha sido positiva, a discussão em classe é de extrema importância para enriquecer as visões de cada um. Segundo, apesar deste filme ter sido relativamente bem avaliados pelo corpo discente, comparativamente a outros dois que usamos foi o com menor avaliação. Em nossa percepção, um dos motivos pode ser por o filme ser mais antigo. Então, cabe aqui uma investigação do real porquê disto. Talvez narrativas de personagens baseados em fatos reais e/ou mais atuais talvez possam ser ainda mais atrativas. Finalmente, aproveitando o ensejo desta última colocação, é importante que outros filmes também sejam analisados a fim de fazer crescer a bibliografia nesta área.

REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A. (2012). Educação para o sentido da vida. *Revista Logos & Existência*, 1, 160-172.
- Aquino, T. A. A., Silva, J. P., Figueiredo, A. T. B., Dourado, E. T. S., Farias, E. C. S. (2011). Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia: ciência e profissão*, 31, 146-159.
- Blasco, P. G., Gallian, D. M. C., Roncoletta, A. F. T., Moreto, G. (2005). Cinema para o Educando de Medicina: um Recurso Afetivo/Efetivo na Educação Humanística. *Revista brasileira de educação médica*, 29, 119-128.
- Coelho Junior, A. G. & Mahfoud, M. (2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Revista Psicologia USP*, 12, 95-103.
- Dourado, E. T. S et al. (2010). Fundamentos antropológicos da Logoterapia e Análise Existencial. In Damásio, J. P., Silva, J. P., & Aquino, T. A. A. (orgs.), *Logoterapia e educação: fundamentos e prática* (pp. 13-52). São Paulo: Paulus.
- Ewald Filho, R. A *Felicidade Não se Compra*. UOL Entretenimento: Cinema. Recuperado em 18 de setembro de 2013, Recuperado em <http://cinema.uol.com.br/resenha/a-felicidade-nao-se-compra-1946.jhtm>

- Fabris, E. H. (2008). Cinema e educação: um caminho metodológico. *Educação e realidade*, 33, 117-134.
- Frankl, V. E. (1977). *O homem vive: entrevista com Viktor Frankl*. Entrevista concedida a Roy Bonisteel. Recuperado em 01 de julho de 2013, Disponível em: <http://www.endireitar.org/site/artigos/endireitar/403-o-homem-vive-entrevista-com-viktor-frankl>
- Frankl, V. E. (2007) *Presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinoidal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2008) *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes.
- Machado, C. A. (2008). Filmes de ficção científica como mediadores de conceitos relativos ao meio ambiente. *Ciência e Educação*, 14, 283-294.
- Morin, E. (2000). *Sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, UNESCO.
- Pereira, C. S. & Prette, A. D. (2007). Vendedor com paralisia cerebral bem-sucedido: análise de um filme na perspectiva das habilidades sociais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8, 87-91.
- Pinto, R. M. & Pereira, L. G. (2005). A experiência de ver filmes na formação inicial de professores de educação física. *Revista pensar a prática*, 8, 101-116.
- Pintos, C. G. (1999). *A logoterapia em contos*. São Paulo: Paulus.
- Portocarrero, B. S. R. (2012). Aportes de la logoterapia de grupo a la práctica clínica en la comunidad terapéutica: intervención en una comunidad terapéutica de mujeres con problemas de salud mental. *Revista Peruana de Logoterapia Clínica e enfoques afines*, 1, 1-20.
- Rezende, J. F. D. & Araújo, M. A. D. (2012) Uso do filme Matrix para o ensino da administração. *Holos*, 28, 216-225.

Enviado em: 09/10/2013

Aceito em: 12/12/2013

SOBRE OS AUTORES

David Moises Barreto Santos. Mestre em Ciências da Computação pela Universidade de Campina Grande (2005) e doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (2012). Atualmente é professor assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com experiência na área de informática na educação e educação em computação. Contato: davidmbs@uefs.br

Carlos Alberto dos Santos da Silva. Graduando em Engenharia de Computação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Contato: carlosdsds@gmail.com